

## Nota da editora sobre saudades e parceria – uma homenagem ao amigo Kaciano Gadelha

■ Lara Facioli

Conheci o professor Kaciano Gadelha quando, juntos, prestamos o concurso para a vaga de professor adjunto da área de Sociologia da FURG. Passamos e, devido a aprovação em primeiro lugar, Kaciano se mudou para Rio Grande, alguns meses antes de mim. Ele foi para o campus de Santa Vitória do Palmar e eu, por conta da aposentadoria de uma colega, fiquei alocada no campus Carreiros, pra onde Kaciano seria removido, já no contexto da pandemia da Covid 19.

Do dia em que soubemos o resultado da prova, até o dia de sua passagem, nosso contato se manteve constante e próximo. Me lembro com muita nitidez de nossa emoção, e, especificamente da de Kaciano, ao falar, naquele momento de aprovação, da enorme batalha que travou para conseguir espaço na Universidade pública brasileira. A vida acadêmica, a mudança; o ambiente de trabalho na área de Sociologia; a dificuldade de lidar com o frio, para duas pessoas que tem o calor extremo como referência; a cultura gaúcha fechada; as expressões gritantes de racismo, pelas quais Kaciano e Juliano (seu irmão e grande amigo) passaram em terras sulistas, eram os assuntos que sempre figuravam em nossas conversas, em nossos momentos de lazer, e quando buscávamos traçar planos para um futuro não tão distante.

Eu, como mulher branca do interior de São Paulo, muito embora tivesse vivenciado uma trajetória vinculada às classes populares e também embora tenha uma carreira desenvolvida com base nos estudos de gênero e das diferenças, tinha uma enorme dificuldade de compreender (e aceitar) a postura mais reclusa de Kaciano, Uma certa timidez e contenção que o fazia preferir observar as relações e interações, exaustivamente, para então se posicionar. Um aprendizado diário, para mim, observá-lo. Uma das nossas brincadeiras internas, que muito diziam sobre nossas

personalidades, ocorria quando Kaci fazia referência, sorrindo bastante, à minha Iansã, que imprimia em mim, ao contrário dele, certo hábito de ser expansiva. Hoje compreendo o significado valioso e profundo de nossa troca.

O fato é que sempre que eu precisava ter discernimento sobre as relações profissionais e sobre os contextos gerais vivenciados no extremo sul, eu recorria à sua lucidez. Ao contrário de qualquer discurso que busque imperar sobre a morte de meu amigo, posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que Kaciano era uma das pessoas mais lúcidas que conheci na vida. Ele tinha uma enorme capacidade, inclusive sociológica, de ver o que ninguém percebia e de destrinchar o emaranhado de relações históricas, sociais, econômicas e políticas, o que fazia dele uma pessoa sensível e, certamente, o que imprimia nele um tanto elevado de sofrimento.

Ainda hoje, meses depois de sua partida, recorro às nossas conversas de WhatsApp procurando trechos em que ele me indicava um arsenal de referências combativas do campo das artes e do feminismo negro. Este último, tão pouco estudado por mim em uma formação majoritariamente europeia e americanizada. Meses antes de partir, Kaciano me deixou um conjunto de indicações de leituras que eu devorei como quem descobria um universo.

Nossa amizade se iniciou em 2018 - na sala onde seria divulgado o resultado do concurso – e nossa parceria acadêmica e de vida se estabeleceu quando me mudei para Rio Grande, em junho de 2019. Antes disso, tivemos várias “quase” oportunidades de nos conhecermos. Temos vários amigos em comum e quase compartilhamos os mesmos espaços de orientação e formação, se não fosse a mudança de Kaciano para a Alemanha, onde consolidaria sua trajetória. Inúmeras vezes falamos sobre o destino que, mais cedo ou mais tarde, nos aproximaria.

Juntos, assumimos a coordenação da área de Sociologia, pelo ano de 2020, estivemos em alguns importantes espaços decisórios da Universidade e, decidimos, ao final de 2019, nos mudarmos, juntos, para Pelotas. Dividir um apartamento, a vida, os gastos, em uma nova cidade, são aspectos que surgiam, para nós, como possibilidades de ter qualidade de vida e de cuidarmos, um do outro, nesta fase de adaptação em um contexto ainda bastante frágil. A pandemia interrompeu nossos planos com força brutal e, embora nosso contato fosse constante, nos afastamos devido a minha mudança para Araraquara, cidade de minha mãe, com vistas e vivenciar a quarentena, que já dura quase dois anos.

Nunca mais vi Kaciano pessoalmente, mas trago comigo as boas lembranças de nossos papos, de nosso trabalho conjunto e de nossos closes na praia do Cassino. Mais do que isso, tento buscar sua lucidez e retomar, na memória, nossas conversas com objetivo de trabalhar em mim os

ensinamentos que Kaci me deixou sobre observação, sobre ponderação e sobre a luta feminista, anti racista e anti colonial.

Este número da revista foi planejado por nós dois, pois compartilhávamos, desde o início de 2021, a editoria da REIS. A revista, a Sociologia da FURG e a Universidade brasileira perdem, sem dúvida, um de seus maiores intelectuais e professores.

Deixamos, também neste número, nossa homenagem escrita pela professora Maria Elvira Díaz Benítez, amiga e parceira de trabalho de Kaciano.

Que sua luz permaneça em nós, Kaci Diamonds!

Araraquara, 16 de fevereiro de 2022

*Lara Facioli*  
*é professora adjunta da área de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), colega de trabalho e amiga do professor Kaciano.*